

HOMOFOBIA E SOCIEDADE: UM EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Adilson Fernando Sales de Barros

Odailta Alves da Silva

Secretaria de educação de Pernambuco

dilson_fernando@yahoo.com.br

odailta@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar uma experiência exitosa no combate à homofobia no ambiente escolar, desenvolvida numa escola pública do Estado de Pernambuco. Para tal, relataremos as atividades desenvolvidas dentro do projeto Homofobia e Sociedade, aplicado na escola Estadual Rotary do Alto do Pascoal: mostras de curtas e longas metragens referentes à temática, teatro e coreografia, publicação de livro e cordel, assim como tela e documentário produzidos pelos alunos. Diante desta experiência pudemos constatar um processo de aumento da autoestima dos alunos e funcionário homossexuais da escola e uma mudança de postura de toda a comunidade escolar, com maior respeito ao seguimento LGBT.

PALAVRAS CHAVES: Escola, Homossexualidade, Homofobia; Experiência.

1 INTRODUÇÃO

A despeito das diversas discussões desenvolvidas acerca da diversidade sexual e das políticas públicas efetivadas a fim de acabar com a violência sofrida pela população LGBT, as instituições escolares continuam fazendo o caminho inverso, sendo uma das grandes reprodutoras de ideias preconceituosas. Segundo Piovesan (2009, p. 295-296):

Ao longo da história as mais graves violações aos direitos humanos tiveram como fundamento a dicotomia do “eu” versus o “outro”, em que a diversidade era captada como elemento para aniquilar direitos. Vale dizer, a diferença era visibilizada para conceber o “outro” como um ser menor em dignidade e direitos, ou, em situações-limite, um ser esvaziado mesmo de qualquer dignidade, um ser descartável [...]. Nesta direção merecem destaque as violações da escravidão, do nazismo, do sexismo, do racismo, da homofobia, da xenofobia e de outras práticas de intolerância.

Documentos como o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, do Governo Federal, que tem como foco a inclusão, o combate à discriminação e à violência e a promoção dos direitos humanos e o programa “Brasil sem homofobia” são ignorados por grande parte da comunidade escolar, incluindo professores e gestores. Castro, Abramovay, Silva desenvolveram uma pesquisa da UNESCO sobre o preconceito e a homofobia nas escolas e sua invisibilidade nesse contexto. Os resultados desse trabalho denunciam a triste realidade das unidades de ensino brasileiras, constatando que, os professores não apenas silenciam frente à homofobia dos alunos, mas, na maioria dos casos, eles também são coniventes com a violência que aqueles sofrem. Outro dado triste e grave constatado na pesquisa aponta que, em uma escala de ações violentas, "bater em homossexuais" é considerado menos grave do que usar drogas e roubar, por exemplo (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004).

É um dos objetivos gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) fazer com o aluno aprenda a posicionar-se “contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais”. Os PCNs também ressalta a importância de integração de Políticas Públicas que contribuam para o combate à homofobia, e que contribua para a construção de uma sociedade equânime e justa, que garanta os direitos humanos dos cidadão. Contudo, percebemos que a escola acaba sendo um dos lugares onde mais observamos as manifestações desses preconceitos. Em função disso, sentimos a necessidade de desenvolver um projeto que tem como principal objetivo contribuir para acabar ou pelo menos diminuir a homofobia no ambiente escolar e, conseqüentemente, reduzi-la também na comunidade do Alto do Pascoal, uma vez que o conhecimento apreendido pelos nossos jovens é repassado para o local onde moram.

Este trabalho relatará as experiências vivenciadas dentro do projeto pedagógico “Homofobia e Sociedade”, que foi desenvolvido na Escola Estadual Rotary do Alto do Pascoal. Esse projeto foi resultado do curso de formação ministrado no segundo semestre de 2013, pela ONG GESTOS, em parceria com o governo Federal e a Secretaria de Educação de Pernambuco. Nos encontros, formadores da ONG discutiram temas como: gêneros, machismo, sexismo, homofobia, sexualidade, racismo, discriminação, etnia e raça.

Nós, enquanto professores da escola Rotary do Alto do Pascoal, achamos pertinente o trabalho com a temática “Homofobia e Sociedade”, uma vez que percebemos ainda a força com a qual o preconceito contra os homossexuais se apresenta no ambiente escolar e na sociedade como um todo. Entendemos que a resistência de alguns profissionais da educação em respeitar e debater de maneira respeitosa a homossexualidade em sala de aula é muito

grande, contribuindo com o preconceito que já é tão acentuado na sociedade geral e, sobretudo, nas instituições de ensino.

Ao desenvolvermos esse projeto na escola, traçamos alguns objetivos específicos:

- Quanto ao corpo docente e gestão:
 1. Refletir sobre a importância de se combater a homofobia no ambiente escolar e na sociedade em geral;
 2. Identificar os danos físicos e psicológicos das vítimas da homofobia;
 3. Desenvolver atividades em sala de aula que contribua para acabar ou, pelo menos, diminuir a homofobia na escola.
 4. Reconhecer a importância do papel do professor no processo de construção de uma sociedade menos violenta, mais tolerante, igualitária e que respeite as diferenças.
 5. Conhecer os direitos da comunidade LGBTs;
 6. Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

- Quanto ao alunado:
 1. Entender a importância de se combater a homofobia e respeitar a diversidade;
 2. Refletir sobre o papel do jovem na construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais igualitária;
 3. Compreender as diversas possibilidades de identidade sexual e respeitá-las.
 4. Reconhecer os direitos das comunidades LGBTs;
 5. Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

- Quanto aos alunos, funcionários da escola e membro da comunidade do Alto do Pascoal com orientação sexual LGBTs:
 1. Levantar a autoestima;
 2. Reconhecer os direitos da comunidade LGBTs;
 3. Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

METODOLOGIA

O preconceito sofrido pelos alunos homossexuais nas escolas geralmente traz consequências, muitas vezes, irreparáveis, como a marginalização desses indivíduos, problemas com autoestima, baixo desempenho escolar, presença de comportamentos agressivos como forma de defesa para as violências sofridas e até a desistência escolar. A escola de todos não se apresenta efetivamente como a escola dos homossexuais, uma vez que estes são diariamente desrespeitados em sua sexualidade, tratados debochada e agressivamente. Quase duas décadas de criação dos PCNs e a escola ainda continua engessada, sem conseguir por em prática suas orientações, os desafios das unidades de ensino continuam muito atuais e longe de serem alcançados:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. (BRASIL, 1997a).

A fim de diminuir as práticas homofóbicas constatadas na escola foram desenvolvidas 10 atividades dentro do projeto “Homofobia e sociedade”. Com total apoio da gestão escolar, conseguimos que toda escola participasse do projeto, o que é possível constatar nos relatos abaixo:

- Atividade 1: Apresentação do projeto aos professores e à gestão:

Neste momento, reunimo-nos com o corpo docente dos três turnos e com a equipe gestora para apresentar a proposta, a fundamentação teórica e as etapas do projeto. Nessa atividade, utilizamos o recurso do datashow para apresentar o projeto Homofobia e Sociedade.

Discutimos alguns documentos que ressaltam a importância desse trabalho, Tratados Internacionais sobre Direitos Humanos dos quais o Brasil é signatário e que enfatizam a promoção à igualdade e o combate às diversas formas de preconceitos

- Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, especialmente o Art. 2º, 1.

“Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, opinião, ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição”;

- O Pacto de San José da Costa Rica, de 1981, com a declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções (Resolução da ONU);
- A Organização Mundial da Saúde (OMS), já em 1975 deixava claro que a sexualidade (desde uma dimensão muito ampla e diversificada), inserida na temática da saúde, também é um direito humano (cf. BRASIL, 1997b);
- Resolução número 2435: Direitos Humanos, Orientação Sexual e Identidade de Gênero, aprovada pela Assembleia Geral da OEA em 03 de junho de 2008, mostrando preocupação com os “atos de violência e das violações aos direitos humanos correlatas perpetradas contra indivíduos, motivados pela orientação sexual e pela identidade de gênero”³;
- Também em 2008 foi aprovada uma Declaração da ONU condenando violações dos direitos humanos com base na orientação sexual e na identidade de gênero. Na Declaração (A/63/635, de 22/12/08) os países signatários condenaram

as violações de direitos humanos baseadas na orientação sexual ou na identidade de gênero onde queira que tenha lugar [...]. Urgimos aos Estados a que tomem todas as medidas necessárias, em particular as legislativas ou administrativas, para assegurar que a orientação sexual ou identidade de gênero não possam ser, sob nenhuma circunstância, a base de sanções penais, em particular execuções, prisões ou detenção.

- Atividade 2: Formação dos professores:

Cientes da importância do papel do professor nesse processo de combate à visão heteronormativa compulsória da sociedade, e a pedido da gestão da escola, organizamos uma palestra e alguns vídeos para discutirmos a importância de se combater a homofobia na escola. Essa etapa foi muito importante, pois além de apresentarmos as orientações dos PCNs sobre a sexualidade e o preconceito, também falamos sobre o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, do Governo Federal e o programa “Brasil sem Homofobia”. O Comitê Nacional de Educação e Direitos Humanos, que elaborou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, deixa clara sua concepção acerca dos objetivos do ensino fundamental:

b) a escola, como espaço privilegiado para a construção e consolidação da cultura de direitos humanos, deve assegurar que os objetivos e as práticas a serem adotados sejam coerentes com os valores e princípios da educação em direitos humanos; [...] d) a educação em direitos humanos deve estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania, o acesso ao ensino, permanência e conclusão, a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, dentre outras) e a qualidade da educação (BRASIL, 2007, p. 32)

Também combatemos expressões como “homossexualismo” (orientando que homossexualidade não é doença e o correto é “homossexualidade”) e a expressão “opção sexual” (explicando que a sexualidade não é escolha, mas sim uma orientação que a pessoa já nasce com ela, afinal, as pessoas, no geral, não optariam por algo que, em função do preconceito social, ainda traz tanta dor).

Foi discutida a necessidade do respeito aos alunos homossexualidade, esclarecendo a importância de se preservar a identidade desses estudantes:

Obrigiar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. E é sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade. (...) Como se pode ver do relato de uma professora: “Dos homossexuais todo mundo sabia, mas eles não pareciam, então não tinha problema” (BORTOLINI, 2008).

Observamos uma grande participação dos educadores nesse momento, alguns apresentando depoimentos de experiências de homofobia vivenciada e outros pedindo orientação em como lidar com os casos de homofobia e hiperatividade dos alunos homossexuais. A orientação dada é que se faz necessário trabalhar o combate a homofobia durante todo o ano letivo e nas diversas disciplinas, só assim o índice de violência dessa natureza irá diminuir. Neste sentido, sugerimos alguns filmes que tratam sobre a temática.

Quanto à hiperatividade no aluno homossexual, orientamos que o professor deve observar se essa hiperatividade não é uma forma de defender-se das agressões sofridas e, caso não seja uma maneira de defender-se, é importante saber que independente da orientação sexual, os adolescentes têm uma maneira muito espontânea de se expressar e quando ele tem comportamentos sexualmente homo-orientados, essa orientação será destacada e o professor não deve ficar castrando o aluno, exigindo que ele ou ela “comporte-se como menino ou menina”, os alunos precisam ser respeitados dentro das suas condições sexuais. Discutimos com os professores números significativos sobre a realidade dos homossexuais nas escolas:

há relação direta entre menor preconceito e maior escolaridade: “[o] percentual dos jovens que cursaram até a 4ª série do Ensino Fundamental e não querem homossexuais como seus vizinhos é de 68,3%, contra 19,1% daqueles com Ensino Superior. Da mesma forma, apenas 18,8% dos menos escolarizados são neutros, número muito inferior a indiferença dos 50,1% dos entrevistados com Ensino Superior” (CARA; GAUTO, 2007, p. 193).

Os resultados dessa formação foram muito positivos, assim como a receptividade dos professores em discutir e aprender sobre a temática. Encontramos ainda alguma resistência de dois professores mas que perdeu força diante do apoio do grande grupo.

- Atividade 3: Apresentação de filmes aos alunos e professores:

Nessa etapa, selecionamos alguns filmes: longas, curtas e documentários; para iniciarmos as discussões sobre homossexualidade e homofobia. Os filmes assistidos foram: longa – “Orações para Bobby”; Curtas: primeiro capítulo de “Desejo proibido” e “Medo de quê?”. E diversos documentários tirados da internet: “A escola e a homofobia”, “Diga não à homofobia”, “Escola sem homofobia: construindo para a diversidade”, “Homofobia nas escolas”, “Homofobia é crime” e “Família homoparental”.

Os alunos e professores, nesse momento, dirigiam-se ao auditório para assistirem aos filmes juntos, exceto quando havia alguma resistência junto ao projeto, não obrigamos a participação de ninguém.

O filme “Orações para Bobby” foi escolhido para debatermos a culpa religiosa tão presente em muitos homossexuais. Um dos maiores argumentos para a não aceitação da homossexualidade é a ideia de pecado, de certo e errado, dentro dos princípios religiosos, e esse filme reflete de maneira profunda, clara e emocionante sobre esse tema.

No primeiro capítulo de “Desejo proibido” e no documentário “Família homoparental”, partimos para as discussões acerca dos direitos legais dos casais homossexuais e de como esses direitos sofreram alterações ao longo da história pois o primeiro capítulo do filme “Desejo Proibido” traz essa reflexão no início do primeiro quartel do século passado na sociedade americana. Assim, procuramos refletir sobre o conceito de família e de amor.

Com o curta “Medo de quê?”, refletimos sobre os conflitos que as crianças, adolescentes e adultos passam no processo de reconhecimento e constatação de sua homossexualidade. Os demais documentários, todos curtos, foram ponto de partida para analisarmos a violência sofrida pelos homossexuais na escola e fora dela.

Após assistir aos filmes, iniciava-se uma roda de discussões sobre as impressões

acerca do filme, com registro escrito por parte dos alunos. Geralmente esses filmes serviram para introduzir ou encerrar uma roda de discussão ou palestra sobre homofobia na escola.

- Atividade 4: Palestras para os alunos.

Nas palestras direcionadas para os alunos refletimos sobre o sofrimento dos homossexuais, das agressões sofridas e da necessidade de mudança de postura diante de tal cenário. Procuramos quebrar com algumas ideias formadas de que “homossexualidade é perversão, imoralidade ou pecado”. Com o auxílio do datashow, mostramos o número da violência sofrida pelo público LGBT e apresentamos casos de homossexuais de sucesso, que constituíram família e possuem profissões bem conceituadas. Sempre no início ou final das palestras, exibimos pequenos filmes.

- Atividade 5: Escrita do cordel

Esse cordel foi desenvolvido com os alunos do 2º ano A (Médio) e ilustrado pelos alunos do 6º ano D. A produção textual aconteceu depois das palestras e exibição de filmes. Foi trabalhada a estrutura do gênero textual cordel e os educandos tiveram acesso à leitura de diversos cordéis. Em seguida, foram levados textos falando sobre o tema, a sala foi dividida em grupos que fizeram diferentes leituras e, em seguida, produziram estrofes a partir do que foi lido. As partes produzidas foram lidas, copiadas no quadro, avaliadas e modificadas coletivamente. Na etapa da ilustração, os alunos do 6º ano tiveram acesso ao texto e ilustraram de acordo com os sentimentos despertados. A revisão, digitação e organização final do cordel foi feita pelos professores organizadores.

- Atividade 6: Escrita do livro “Apenas uma história de amor”

Esse livro não fazia parte das etapas do projeto, mas depois das palestras e da exibição dos filmes, uma aluna do 1º ano noturno, de 17 anos, nos procurou com um texto produzido por ela, contando a história de amor entre ela e uma colega de turma, segundo ela, é o grande amor da sua vida, com quem deseja casar-se. O texto foi revisado, digitado, editado e publicado pelos professores organizadores e custeado pela gestão da escola, assim como todo material utilizado no projeto.

- Atividade 7: Pintura das telas

A pintura das telas foi uma das últimas etapas do projeto desenvolvida pelos alunos do 3º ano B noturno, pois, queríamos que os alunos tivessem contato com bastante informações e imagens sobre o tema para que pudessem fazer um trabalho bonito e diferenciado. Todos os alunos fizeram questão de participar dessa atividade, com depoimentos positivos sobre o projeto. O resultado foi belíssimo e exposto no dia da culminância.

- Atividade 8: Coreografia das músicas: “O tempo não para” (Cazuza); “O que é o que é” (Gonzaguinha); “Doce mistério da vida”

Convidamos alunos dos diversos turnos e turmas para participarem dessa atividade, conseguimos formar um grupo com oito estudantes que compareciam à escola no contraturno para ensaiar as coreografias montadas em parceria com os professores organizadores.

- Atividade 8: Teatro

Os mesmo alunos que participaram das coreografias, também fizeram parte do teatro. Foram apresentadas duas cenas: na primeira, dois homens, que já moram juntos, resolvem casar e adotar uma criança e consegue tudo com sucesso, no final, os atores disseram “Os homossexuais também têm direito de constituir família!”. Na segunda peça, um travestir, formado em direito, é vítima de preconceito numa entrevista e chama a polícia para o entrevistador, que é conduzido à delegacia; a frase final é: “Homofobia é crime!”.

- Atividade 9: Produção de um documentário

Esse documentário foi a última atividade desenvolvida no projeto. Foi produzido e editado pelos alunos do projeto ECA da escola. Aqui eles entrevistaram uma mulher e um homem homossexuais que moram na comunidade, entrevistaram também professores, o gestor da escola e alunos que deram a opinião sobre o que acharam do projeto na escola.

- Atividade 10: Culminância do projeto

A culminância do projeto aconteceu no dia 13 de dezembro de 2013, no horário da manhã, porém, os alunos dos três turnos foram convidados e compareceram, também tivemos a presença da gestão escolar, da coordenadora da ONG Gestos, Jô Menezes, compareceu também uma representante da Gerência Regional de Educação Recife Norte. Nesse dia, os professores coordenadores, a gestão e os alunos da coreografia se apresentaram com camisetas feitas exclusivamente para o projeto. O evento foi iniciado com a banda da escola tocando o hino nacional, em seguida, foi apresentado tudo que foi produzido no projeto: o lançamento do cordel (com leitura do texto, feita pelos autores); o lançamento do livro (com depoimento e autógrafa da autora); o lançamento do banner do projeto e de três exposições: pinturas de telas, fotos do projeto e mural com fotos e textos sobre homossexuais de sucesso; apresentação das coreografias e das peças de teatro; exibição do curta produzido pelos alunos do ECA. Final do evento, os alunos e professores entregaram panfletos pela comunidade, ao som do frevo (tocado pela banda da escola).

CONCLUSÃO

Os resultados do projeto foram muito positivos, os depoimentos dos professores e alunos reverberam essa afirmação. Percebemos no decorrer desses cinco meses de projeto uma mudança de postura na escola, onde o combate à homofobia passou a ser constante e o respeito aos homossexuais algo posto em prática. Sabemos que ainda há muito o que fazer mas também temos consciência de que demos um grande passo que precisa ter continuidade para que essa semente brote por toda comunidade e outras instituições de ensino.

As instituições escolares não podem continuar omissas diante dessa triste realidade, nesse sentido, percebemos que a efetivação desse projeto foi de extrema importância e necessidade, não apenas na escola Rotary do Alto do Pascoal, mas em todos os espaços de discussão com o público jovem, em processo de formação e amadurecimento de opinião. A fim de formar cidadãos dispostos a respeitar os direitos humanos e respeitar, não apenas a diversidade manifestada na homossexualidade, mas todas as diversidades tão próprias das sociedades.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA e a Homofobia. Dirigido por Ricardo José de Medeiros. Brasil: Produtora Lacuna Filmes, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ypHzQj8f-Wo>. Acessado em: Agosto de 2013.

ABRAMOVAY, M. Juventudes e sexualidade./ Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BETHÂNIA, Maria. Nossos Momentos. Brasil: Universal Music, 1982.

BORTOLINI, A. (Coord.). Diversidade Sexual na Escola. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros curriculares nacionais: Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEB, 1997b. Acesso em: 25/5/2009.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH II. Brasília, 2002. BRASIL.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2003. 52 p.: 30 cm.

CARA D.; GAUTO, M. Juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.; ESTEVES, L. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007, p. 171-196.

CASTRO, M.G.C., ABRAMOVAY, M. SILVA, L.B. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CAZUZA. O Tempo Não Pára. Brasil: Universal Music Brazil, 1989. Duração: 4 minutos e 47 segundos.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

DESEJO Proibido. Dirigido por Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche. Estados Unidos: Produtora Banca, 2000. DVD, (96 min.). Legendado Port. Sensura 16 anos.

DIGA Não à Homofobia. Dirigido por Davy Rodrigues. Brasil, 2013. Duração: 5 minutos e 6 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hpX85Yf-57E>. Acesso em: agosto de 2013.

ESCOLA Sem Homofobia: Construindo para a Diversidade. Dirigido por Vagner de Almeida e Luciana Kamel. Brasil: produção MEC – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2009. Duração: 9 minutos e 52 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bBLhKPWPQ40>. Acesso em: agosto de 2013.

FAMÍLIAS Homoparental Contemporânea. Dirigido por Cris Carvalho. Brasil: Igreja Cristã Contemporânea, 2010. Duração: 9 minutos e 5 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHLbeymksKg>. Acesso em: agosto de 2013.

GONZAGUINHA. Caminhos do coração. Música: O que é, o quê?. Brasil: EMI. Duração: 4 minutos e 16 segundos. 1982.

HOMOFOBIA nas Escolas. Produzido por Ana Chalub e Guilherme Bacalhao. Brasil: Câmara Ligada – TV Câmara, 2011. Duração: 3 minutos e 28 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxEM2IySYVo>. Acesso em: agosto de 2013.

MEDO de quê? Dirigido por Reginaldo Bianco. Produção Jah Comunicações. Brasil, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIoeUqBxhi0>. Acesso em: Agosto de 2013. Duração: 18 min. e 34 segundos.

ORAÇÕES para Bobby. Dirigido por Russell Mulcahy. Estados Unidos: Produtora Centauro. 2008. DVD, (88 min.). Legendado Port. Sensura 14 anos.